



★★★★

SISTRIONIX

Deap Vally
Island/Universal

No já longínquo tempo das verdades convincentes, ainda a internet era um bebé nas mãos de militares e universitários, a morte do rock foi proclamada sem cautela. Não sob a forma de palpite ou como corolário de longa perscrutação: era dado garantido que a música alimentada a guitarras estava a tornar-se uma carcaça. Médicos? Nem vê-los. Cura? Não há farmacêuticas interessadas. Com as 'redes sociais' a serem ainda sinónimo de 'vagabundo lóbi', a vítima demorava por vezes a desmentir o boato da sua cessação. Da mesma forma que já há muito nos desfizemos das calças à boca de sino ou das camisolas de malha com renas (que jeito dão agora à descendência *hipster!*), também as guitarras foram diretamente para as lojas de penhores sem parar um segundo na consciência dos seus mal-agraçados possuidores (e desconfiamos que a primeira vez terá sido quando Buddy Holly fez uma música igual à anterior, desalentando os admiradores de elite). As Deap Vally — *California girls* com justos calções de ganga e bravura rock'n'roll — não acreditam que a música elétrica esteja (outra vez) à beira do precipício. Aliás, tudo em "Sistrionix" é demasiado vivo (entenda-se: sonoro, volumoso) para que insistamos nas exéquias. Canções como 'Bad for My Body' (crispantes, a voz e a guitarra de Lindsey Troy) ou 'End of the World' (bojuda, a bateria de Julie Edwards) respondem à cartilha Led Zeppelin/Black Sabbath, por intermédio de outro duo do passado recente, os White Stripes. Porém, essa é também a pecha mais evidente de "Sistrionix": ao usarem a defunta banda de Jack White como *interface* (o descaramento de 'Walk of Shame!'), as Deap Vally, que cantam sobre os malvados dos homens, estão a deixar um dos 'opponentes' (ou agentes de atração?) comandar, à distância, os seus destinos.

Luís Guerra



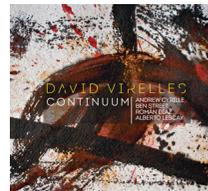
★★★★

PERILS FROM THE SEA

Mark Kozelek & Jimmy LaValle
Caldo Verde/Popstock

Na década de 90, Mark Kozelek cimentou o seu nome enquanto mestre do *sadcore*, conduzindo a barcaça dos Red House Painters, cuja discografia feita de canções tão delicadas como intensas se estendeu de 1992 a 2011. Pouco depois, criou os Sun Kil Moon, que não pareciam afastar-se demasiado da banda que os antecederam até que, ao quarto álbum, o cantautor norte-americano decidiu começar a gravar a solo. Lançados como discos de Sun Kil Moon, mas na verdade trabalhos de um homem só, onde praticamente apenas a guitarra clássica tem lugar, "Admiral Fell Promises" (2010) e "Among the Leaves" (2012) são dois dos mais brilhantes álbuns dos últimos anos, com a voz caudalosa e narrativa de Kozelek a emergir de um dedilhar intrincado e progressivamente compensador. "Perils from the Sea", uma colaboração com Jimmy LaValle, *aka* The Album Leaf, editada este ano, prolonga o estado de graça do californiano como autor de melodias que insuspeitamente se alojam na nossa memória afetiva, bem como de letras de uma honestidade por vezes cruel (fala-se da vida na estrada, tal como nos discos de Sun Kil Moon, mas também do imigrante mexicano 'recambiado' para a sua terra, na tocante 'Gustavo', uma das melhores canções da colheita recente de Kozelek). Ao invés da guitarra acústica, o fundador da editora Caldo Verde conta, em "Perils from the Sea", com a eletrónica e os sintetizadores de Jimmy LaValle; às primeiras audições, o casamento é surpreendente e até indigesto, mas rapidamente se torna apaixonante a forma como o timbre imperturbável de Kozelek navega o mar rítmico criado, com tino e sensibilidade, por LaValle. E, quando damos por ela, 'Caroline', 'By the Time that I Awoke' ou 'What Happened to My Brother' já entraram para o panteão das grandes canções de Kozelek, o que, tendo em conta a sua produtividade e acerto dos últimos anos, é dizer muito.

Lia Pereira



★★★★

CONTINUUM

David Virelles
Pi Recordings/Distribjazz

Aparenta refugiar-se numa esquemática arregimentação, mas logo se percebe que "Continuum" se dirige às elementares questões que o debate em torno do jazz suscita. Virelles apresenta-nos nestes termos: "Tive como objetivo principal deste projeto a criação de algum tipo de interação sociocultural. Não quero com isto dizer que reviseite ou reproduza determinada tradição. Interessa-me antes investigar as razões que levam a que as pessoas se expressem através do folclore e incorporar isso na minha música." E a verdade é que, no contexto da reorganização global das sedes criativas nas últimas décadas, a redefinição da função e relevância dos lugares de origem tem disputado os mais estabelecidos privilégios territoriais. Virelles, que nasceu em Santiago de Cuba, estudou em Toronto e reside em Nova Iorque, ilustra perfeitamente esse impulso que restitui ao jazz recursos de uma ideal prática de desenvolvimento: uma música que tudo abrange, mas que, não obstante inflexíveis expectativas de uniformização em grande parte do seu auditório, sabe manter uma eloquência especificamente periférica. A alusão, no título, àquilo que não cessa, permitirá esclarecer este princípio essencial que a audição do disco acentua: quanto mais se estende, mais o mundo se encurta e vice-versa. Mas o jovem pianista — conhecido dos grupos de Steve Coleman, Mark Turner ou Ravi Coltrane e, já em 2013, indispensável constituinte de "Wislaw", de Tomasz Stanko, e "The Sirens", de Chris Potter — ensaia aqui, com Ben Street, Andrew Cyrille e Román Díaz, uma enlevada deslocação de características culturais afro-cubanas procedentes da escravatura que ilude o livro de estilo do jazz afro-cubano. Isto é, celebra a diversidade, sem ratificar necessariamente a consensualidade, e prova que o património do jazz ainda se pode edificar a partir da memória das suas assimetrias.

João Santos



★★★★★

SCODANIBBIO: REINVENTIONS

Quartetto Prometeo
ECM/Distribjazz

"Reinvenções", chamou Stefano Scodanibbio (1956–2012) ao conjunto das obras reunidas neste CD, pungentes derivações para quarteto de cordas a partir de "A Arte da Fuga" (Bach), de peças para guitarra de compositores espanhóis (Sor, Llobet, Aguado, Tárrega) e de populares canções mexicanas. Mas, com outro húbri, podia tê-las batizado como revisitações, recomposições ou, talvez, tão perversa quão apropriadamente, enquanto decomposições. Pois esta é tanto uma 'metamúsica' quanto uma 'anamúsica', com delicadas estruturas constituída por prismáticos harmónicos, figuras espelhadas e invertidas ou vítreas e etéreas gradações — resultantes de indicações de arcadas *sul tasto* e *sul ponticello* — que se deixam afetar por uma letárgica recorrência a tempos lentos que, no limite, implicam um fascinante paradoxo: estas páginas que já nasceram escritas nunca chegam verdadeiramente a ganhar forma reconhecida. Por isso, a espaços, e com maior evidência canónica nos 'Contrapunctus', sugerem um estágio de putrefação que difere da noção de poslúdio desenvolvida por Valentin Silvestrov, por exemplo, e que se aproxima antes de procedimentos recentes de James Kirby e William Basinski, possuindo, ainda, afinidades espirituais com o Michael Nyman de "Decay Music" ou o Gavin Bryars de "The Sinking of the Titanic". No fundo, Scodanibbio atua como o estilista que tem de desenhar roupa específica para casos avançados de fibromialgia ou osteoporose: mantém um dispositivo formal mas torna-o mais ágil, flexível e aberto, urde uma trama densa mas só usa materiais leves, isto é, cria uma espécie de segunda pele que não chega a estar propriamente em contacto com a primeira. Há exceções — nas vigorosas e arrebatadas 'La Llorona' ou 'La Sandunga' — e uma pérola: uma 'Bésame Mucho' (Consuelito Velásquez) quase tão frágil e bela quanto a que João Gilberto gravou em "Amoroso". **J.S.**